

NOTICIÁRIO GERAL

NA ÚLTIMA MISSA, NOVO APELO EM FAVOR DOS ÍNDIOS

MANAUS — (FT) — Às 8h30 de ontem, o papa João Paulo II chegou à "Bola da Suframa", como é conhecida a praça Pereira da Silva, em Manaus, no ônibus da comitiva papal, para celebrar sua última missa no Brasil. Enquanto o Santo Padre concedia bênçãos, um helicóptero jogava pétalas de rosas. Ao subir a rampa do altar, repetiu seu gesto característico: abraçou e beijou algumas crianças.

A missa, para cerca de 400 mil pessoas, durou uma hora e 45 minutos e, em seu sermão, o papa introduziu, de improviso, um longo trecho a respeito da questão dos indígenas no Brasil, que ele considera "complexa e espinhosa" e para a qual pede "que se dê uma resposta ponderada, oportuna e inteligente, para o benefício de todos". Esse trecho, no qual ele também presta uma homenagem a "os missionários que trabalham na Amazônia, foi introduzido após o quarto parágrafo da primeira parte da homilia: antes de dirigir-se diretamente aos membros do clero do Brasil.

O Santo Padre disse ainda que, no quadro de sua viagem pastoral, desejou especialmente a visita ao Amazonas e, concretamente, à famosa Manaus, "capital deste grande Estado". "Eu queria conhecer essa realidade original e por isso eu saúdo a todos vós, as populações da Amazônia, do Acre, Roraima e Rondônia", disse.

PRESENTES

Durante o Ofertório, João Paulo II recebeu os presentes da população amazônica, destacando-se todos pela sua sim-



plicidade: um arco e uma flecha; um cesto com frutos regionais; uma arara; duas mudas de buriti; outro cesto com castanha e guaraná; objetos de palha; uma vasilha com farinha; e um cálice de barro. A todos que tiveram o privilégio de oferecer-lhe presentes, o Papa dirigiu algumas palavras, abraçou-os e beijou-lhes a testa.

Para a comunhão, como nas outras cidades, foi escolhido um grupo especial. Na "Bola da Suframa" compareceram o governador do Amazonas, José Lindoso, e sua mulher, um grupo de freiras e os 60 índios que participaram do encontro na noite anterior. O destaque entre os índios foi a presença de dois Yanomani, que fazem parte do grupo indígena mais primitivo do Amazonas e que ainda não fala português.

Ao final da missa, o Papa concedeu mais uma vez a bênção e, em seguida, desceu lentamente a rampa. O seu cansaço era visível e as suas vestes estavam totalmente molhadas de suor. Mesmo assim, ainda teve tempo de distribuir o seu carinho com algumas crianças que furaram o esquema de segurança para lhe dar abraços e beijos. Durante toda a missa, João Paulo II só teve um momento de descontração, quando repetiu com os fiéis o slogan "João, João, João, o índio é nosso irmão".



O Sumo Pontífice deu a comunhão a um grupo de 60 indígenas

MUITO CALOR

Pela primeira vez, em toda a visita do papa, o esquema de segurança não foi tão rigoroso, simplesmente porque era impossível conter toda a multidão sob o calor de 40 graus de ontem em Manaus. Depois que o papa subiu a rampa de acesso ao altar, muitas pessoas invadiram áreas destinadas às autoridades, corral e aos índios com a complacência da segurança do próprio Pontífice, que também não estava

resistindo ao sol e ao calor. Isso também impediu um maior entusiasmo do público, que, quando a missa começou, não tinha mais ânimo para saudar o papa. Entre as 6 e 7 horas, quando o sol ainda estava fraco e o calor não incomodava, os fiéis ensaiaram vários "slogans" diferentes, como: "Manaus está em festa, o papa na floresta", "Ontem na Polónia, hoje na Amazônia", "Pense e repense, o papa é amazônico", ou "João, João, João, o índio é nosso irmão".

Além disso, cantaram vários hinos, mas quando João Paulo II chegou ao local, a resistência do povo já tinha diminuído e os fiéis cantaram apenas o hino "João de Deus".

Por causa do calor e do número de pessoas, houve muitos desmãos, mas todos foram rapidamente atendidos nos postos sanitários pelo 1º Batalhão de Infantaria da Selva, cujos soldados aproveitaram também o tempo do atendimento dessas pessoas para um pequeno descanso.

Procissão fluvial reúne dois mil barcos

MANAUS (FT) — O espetáculo que João Paulo II viu em Manaus ontem, ao percorrer o rio Negro, durante a procissão fluvial de São Pedro, foi uma demonstração viva do que é a Amazônia. Barcos embandeirados, fogos de artifício, sirenes quebrando o silêncio, e muitos outros detalhes que deram uma demonstração da fé do povo amazônico.

Às 9 horas (uma hora a menos em relação a Brasília), o cais da estação naval do Rio Negro estava movimentado, esperando a chegada do Santo Padre. Cinco navios-patrolha permaneciam atracados, esperando a chegada da comitiva papal, as autoridades militares, os jornalistas e convidados especiais. Eram o "Pedro Teixeira", destacado para conduzir o papa, o "Amapá", o "Rondônia", o "Roraima" e o "Raposo Tavares", todos eles subordinados ao comando do 4.º Distrito Naval.

Embora não se concretizasse a previsão da presença de cerca de cinco mil barcos, provavelmente em função dos apelos feitos pela Marinha, que temia acidentes, causou admiração a dimensão que a festa tomou. Oficiais da

Marinha que acompanharam a imprensa internacional e parte da nacional no navio-patrolha "Amapá", calcularam uma participação de cerca de dois mil barcos no cortejo, embora poucas dessas embarcações houvessem seguido a comitiva oficial. Centenas delas encaminharam-se inicialmente para o local do encontro das águas dos rios Negro e Solimões, onde esperaram a chegada do papa. Muitas outras ficaram no meio do trajeto. Em todos os casos, o objetivo era garantir um local de onde se pudesse ver o papa e a imagem de São Pedro.

CHEGADA

O papa João Paulo II chegou ao cais do rio Negro para participar da procissão fluvial às 10h38. Antes de entrar no navio de guerra "Pedro Teixeira", o Santo Padre foi apresentado com uma peça entalhada em madeira por representantes da colônia dos pescadores. Após abençoar uma criança, o papa dirigiu-se ao interior do navio. Às 10h45, Sua Santidade e comitiva zarparam em direção ao encontro das águas dos rios Negro e Solimões. Ao longe, centenas de embarcações

saudavam o início da procissão com fogos de artifício ou acionando as suas sirenes.

O Sumo Pontífice levava no seu navio a imagem de São Pedro. Em pé, no último convés do "Pedro Teixeira", João Paulo permaneceu sob uma sombrinha de palha amarela e azul, acenando para o pessoal postado à beira do cais.

Por volta das 11h15, o cortejo já estava entrando no ponto onde as águas se encontram. Lá, cerca de 500 embarcações aguardavam João Paulo II. Quase todas eram pequenas, destinadas aos transportes de turistas e cargas. Destacavam-se, porém, entre elas, três baías grandes, cheias de gente. Estas, rotineiramente são empregadas no transporte de veículos no rio Negro.

SEGURANÇA

No navio "Pedro Teixeira", acima do papa, três bandeiras destacavam-se: a do Brasil, a do Vaticano (amarela e branca) e a da Flotilha do Amazonas (azul e branca). Ao lado dessas bandeiras, as antenas de dois radares, em rotação constante, garantiam a João Paulo II a

segurança de que ele necessitava no giro pelo rio Negro. Qualquer obstáculo inesperado que surgisse nas águas, a Marinha teria condições de localizar, segundo explicações dos oficiais que acompanharam a comitiva papal.

DESCONTRACÃO

O papa João Paulo II não ficou o tempo todo no mesmo lugar, durante a hora e meia em que permaneceu no navio. Nos 36 quilômetros de percurso. Logo no início do trajeto, em pé, de braços cruzados, ele parecia falar sobre o rio Negro, impassível. Aos poucos, foi se descontraído. Para isso contribuiu a brisa forte que fazia o sol parecer menos causticante, permitindo que o pontífice não ficasse durante todo o tempo sob a sombrinha de palha.

Para o navio "Amapá", que conduzia a imprensa, ele acenou com entusiasmo duas vezes, como se estivesse se despedindo das centenas de repórteres que cobriram sua visita ao Brasil.

CANSADO

Já no retorno à chegada ao porto de Manaus, João Paulo II demonstrava cansaço, mantendo-se sempre no sentido "cate-

quizado", desde a época do descobrimento. Monseñor Marcinkus foi "carro-chefe" da truculência no encontro com os índios, dando socos em missionários que vieram das selvas para ver o papa. O padre Francisco Danilo Rodrigues levou saftões, assim como o padre Egidio Schwed, que nem sequer entraram no palácio do administrador apostólico de Manaus — onde se realizou o encontro — apesar de credenciados. Missionários leigos credenciados também foram proibidos de entrar. O administrador apostólico de Manaus, d. Milton Pereira Correia, agiu o tempo todo como se buscasse uma promoção que ele obtivesse de famílias mais abastadas com justificativa de que os índios eram crianças pobres, que aqui em Manaus não existem crianças pobres — fez sugestões junto aos assessores do papa para que Milton fosse elevado à condição de arcebispo metropolitano de Manaus.

As 12h10, o navio-patrolha "Pedro Teixeira" encostava no porto de Manaus e pouco depois o papa desceu, encerrando sua programação oficial no Brasil. Com a sua saída, permaneceu na embarcação, em, destaque, a imagem de São Pedro, como um marco da procissão fluvial comandada pelo Santo Padre.

Já às 12h10, o navio-patrolha "Pedro Teixeira" encostava no porto de Manaus e pouco depois o papa desceu, encerrando sua programação oficial no Brasil. Com a sua saída, permaneceu na embarcação, em, destaque, a imagem de São Pedro, como um marco da procissão fluvial comandada pelo Santo Padre.

Os índios agradecem, mas ainda desconfiam

MANAUS (FT) — O líder dos Guaranis, Marçal de Souza, que fez denúncias ao papa no Palácio Arquipiel sobre a situação dos índios, disse ontem que "a situação de penúria em que vivem os índios brasileiros em nada melhorará depois da visita e das palavras do Santo Padre, mas o contato com João Paulo II proporcionará o alívio de católicos e cristãos para lutar ao lado dos índios".

"O pronunciamento do papa foi importante — contou — pelo fato de ele ter dado tanta atenção a nós. Isto significou um apoio à causa indígena e incentivou, a nós e aos que combatem pela nossa causa, a continuarmos a batalha em defesa dos direitos usurpados na nossa Índia".

O cacique bororo Mário Juruna, que fez breve saudação ao papa, considerou "muito bom o encontro" mas lamentou a expectativa criada momentos antes da chegada do papa quando ninguém sabia o que podia ocorrer.

DESINFORMADO

O presidente do Conselho Indigenista Missionário — CIMI, d. José Gomes, bispo de Chapacá, achou que o papa estava desinformado de tudo sobre os índios, inclusive da forma como seria o contato: "ele usou, por várias vezes, a expressão ver os índios — justificou d. José. Pelo contrário que vive com monsenhor Paul Marcinkus, a programação previa, apenas, que João Paulo II 'veria' os índios".

"A palavra do papa — disse o bispo — não altera a situação dos índios principalmente na Igreja, onde nem todos os padres seguem seus ensinamentos. Se seguissem, saberiam da necessidade de apoio a uma raça que vem sendo, sistematicamente, humilhada".

Ele citou, ainda, no discurso do papa feito da sacada do episcopado, expressões que podem ser encaixadas na luta pela restauração dos direitos fundamentais dos índios: "O Santo Padre falou em nação indígena, paz na terra e eles e do direito que têm, direito adquirido, de ocupar estes territórios".

D. José Gomes, que ontem mesmo viajou para o Rio após a partida de João Paulo II, informou, também, que no episcopado chegou a comentar com o papa os problemas dos índios brasileiros. No entanto, em que se encontrou o local, tomado por dezenas de agentes de segurança, só houve tempo de João Paulo II dizer-lhe: "O que devemos fazer por eles? preciso de informações suas".

O padre Paulo Suess, secretário-geral do Conselho Indigenista Missionário, disse que "o fato de o papa ouvir os líderes indígenas é uma coisa positiva em termos de luta do índio ao lado destas nações oprimidas pela civilização do lucro fácil".

Na realidade o CIMI esperava palavras mais contundentes do papa, mas ele parecia realmente desinformado a respeito da situação dos índios no Brasil e até mal orientado na questão, segundo o próprio presidente do CIMI, cujo discurso foi proibido de ser pronunciado por monsenhor Marcinkus, porque continha críticas violentas à situação de humilhação dos povos indígenas no País e até censurava o trabalho histórico da Igreja junto às comunidades indí-

genas que sempre foi no sentido "catequizado", desde a época do descobrimento. Monseñor Marcinkus foi "carro-chefe" da truculência no encontro com os índios, dando socos em missionários que vieram das selvas para ver o papa. O padre Francisco Danilo Rodrigues levou saftões, assim como o padre Egidio Schwed, que nem sequer entraram no palácio do administrador apostólico de Manaus — onde se realizou o encontro — apesar de credenciados. Missionários leigos credenciados também foram proibidos de entrar. O administrador apostólico de Manaus, d. Milton Pereira Correia, agiu o tempo todo como se buscasse uma promoção que ele obtivesse de famílias mais abastadas com justificativa de que os índios eram crianças pobres, que aqui em Manaus não existem crianças pobres — fez sugestões junto aos assessores do papa para que Milton fosse elevado à condição de arcebispo metropolitano de Manaus.

DEMONIAÇÃO E APELO

A desinformação do Papa sobre a situação indígena e a decisão interna da Igreja com relação a este problema foi percebida claramente. O Papa ontem na missa voltou a falar da questão indígena, mas utilizou-se de um texto que já havia lido no encontro com os índios e preparado com antecedência. A realidade dos índios destruídos e na miséria e o violento discurso do índio Marçal de Souza feito de improviso e com muita emoção o pegou de surpresa. "As tribos indígenas brasileiras não sendo massacradas, exploradas mortas por pistoleiros que nos matam como animais — disse Marçal ao Papa acrescentando que fazia o apelo ao Papa "como a última esperança para nossos filhos, nossas vidas amargadas, nossas perseguições por terras que antes nos pertenciam e eram nossa felicidade, mas que os homens brancos chegaram e destruíram desde o descobrimento desta nação que se diz cristã".

"No descobrimento do Brasil — acrescentou — éramos uma grande nação e hoje vivemos como um povo que vive à margem deste País sem nenhuma condição de vida. Hoje estamos sendo assassinados, vivemos na miséria, assediados, como somos pelos que têm o nosso chão desse grande Brasil chamado de país cristão".

Ele disse ainda que chegou a chocar os correspondentes estrangeiros que cobrem a visita do Papa: "Vivemos à custa de promessas de democracia. A nossa última esperança é que Sua Santidade nos ajude como representante de Deus. Pois não encontramos apoio nestes País a não ser alguns padres enganados e alguns amigos. O Brasil não foi descoberto. O Brasil foi tomado dos índios, foi roubado das nações indígenas" — disse Marçal.

Esperava-se que João Paulo II desse uma resposta mais positiva a apelos tão dramáticos. A proibição a que o presidente do CIMI lesse seu discurso preparado antecipadamente foi uma mostra da decepção geral.

Apoio e homenagem às missões

"Senhor arcebispo administrador apostólico, meus irmãos no episcopado e no sacerdócio ministerial, caríssimos religiosos e religiosas, queridos irmãos e irmãs.

"1. No quadro de uma viagem pastoral intensamente desejada como é esta ao Brasil, o papa desejou muito especialmente esta visita ao Amazonas e concretamente formosa Manaus, eu queria conhecer esta realidade original e facilmente comparável a tudo quanto pude observar em outros pontos do País. Quereria proporcionar às populações desta região a possibilidade de "ver Pedro" na humilde pessoa deste seu sucessor.

Querida, mais ainda, nesta Igreja Missionária prestar uma sincera homenagem às missões e aos missionários em geral.

"Eu vos saúdo, pois a todos vós aqui presentes e em vós saúdo as populações e dioceses dos Estados do Amazonas e do Acre, e dos territórios de Rondônia e Roraima, por vós ofereço o sacrifício eucarístico. A vós deixo a minha bênção. Rezo por vós bem-estar material e pelo vosso crescimento na fé. Acompanho vossa vida e vossos trabalhos, vossas angústias e esperanças.

"Mas peço-vos licença para dirigir-me neste ponto da nossa eucaristia, de modo particular, aos vossos missionários. Falando-lhes, falô indiretamente de vós e a vós. Confirmando-os em sua missão, confirmo na fé essa comunidade eclesial por eles alimentada e sustentada.

"Desejo, neste momento, ter ainda um pensamento especial para uma significativa parcela de população que constitui os índios, que é nosso irmão e quero aqui repetir, sistematicamente, aquilo que lhes disse, ontem, no encontro que tive com eles: a Igreja procura dedicar-se, hoje, aos índios, como se dedicou desde a descoberta do Brasil a seus antepassados o bem-aventurado José de Anchieta e, neste sentido, grupo pioneiro que, de certo modo, foi modelo de gerações de missionários, jesuítas, franciscanos, salesianos, dominicanos, capuchinhos, missionários do Espírito Santo, os do Precioso Sangue, beneditinos e de tantos outros. Com meritória constância eles procuraram comunicar aos índios o Evangelho e prestar-lhes toda a ajuda possível com vistas à sua promoção humana.

Conceto aos poderes públicos e outros responsáveis que o façam de todo o coração, em nome do Senhor, que aos índios, cujos antepassados foram os primeiros habitantes desta terra, seja reconhecido o direito de habitar a paz e na serenidade. Sem o temor, verdadeiro pesadelo, de serem desalojados em benefício de outros, mas, seguros de um espaço vital que será a base não somente para a sobrevivência, mas para a preservação de sua identidade como um povo.

"A esta questão, complexa, espinhosa, almejo que se dê uma resposta ponderada, oportuna, inteligente para o benefício de todos.

Assim se respeitará e favorecerá a dignidade e a liberdade de cada um dos índios, como pessoas humanas e como um povo.

Queridos missionários: bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas, leigos e leigas:

"Ao encontrar-vos aqui perseguido-me um pensamento: há menos de 20 anos a Providência Divina quis que o então arcebispo de Cracóvia estivesse interessado e profundamente ligado à preparação de alguns dos mais importantes documentos do Concílio Vaticano II que ele depois assinaria com milhares de outros padres.

Eu vivi, naqueles dias memoráveis de um concílio eminentemente eclesial, as reflexões, os estudos, os debates que iriam definir a Igreja como povo de Deus reunido em virtude da unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, como sinal e instrumento da comunhão dos homens entre si e da humanidade com Deus, como sacramento da salvação para o mundo ao qual ela é enviada. Eles proclamariam também que, por tudo isso, esta Igreja é essencialmente missionária. Paulo VI retomaria com vigor esta palavra em sua magistral exortação apostólica "Evangelii Nuntiandi" sobre a evangelização: "Toda a Igreja é missionária" (En, 39, CF "Ad Gentes" 33).

"Pois bem, nesta Igreja Missionária eu tenho consciência de ser, por força do ministério pontifical que me designo, misterioso Deus me confiou, o primeiro responsável pela ação missionária. E esta precisa responsabilidade

me trouxe ao Brasil, a vós e me impele a falar-vos com abertura de coração.

"3. Quero antes de tudo, trazer-vos estímulo e encorajamento no vosso labor missionário. Tarefa certamente exigente: ela vos arrancou de vossa Pátria natal ou de outras regiões do Brasil e do selo de vossa família. Vos confronta com uma realidade e concretamente formosa Manaus, eu queria conhecer esta realidade original e facilmente comparável a tudo quanto pude observar em outros pontos do País. Quereria proporcionar às populações desta região a possibilidade de "ver Pedro" na humilde pessoa deste seu sucessor.

"Como surpreender-nos se, certos dias, sentis pesando essa tarefa com um peso que vos parece, por momento, superior às vossas forças? Nestes momentos, como aliás em todos os outros, devem ser para vós fontes de ânimo e conforto:

"— A íntima convicção de que para esta tarefa não vos apresentastes vós mesmos por nenhuma razão humana: fostes escolhidos e convocados pelo primeiro e supremo missionários Nosso Senhor Jesus Cristo.

"— A certeza de que vosso trabalho não só é útil e necessário, mas é indispensável à construção da Igreja neste pedaço de terra que, bem sei, adotastes como vossa:

"— O afeto e a gratidão que tem por vós o povo bom ao qual anunciais o Evangelho:

"— E, por último, digo-o com total sinceridade, o imenso apreço que o papa nutre pelo vosso trabalho, o respeito, a admiração, a fraterna amizade que ele tem para com as vossas pessoas.

"4. Além destas expressões de encorajamento, desejais que o papa vos diga ainda algo para a vossa missão?

"Pois bem, sede, nesta porção da Igreja aonde Deus vos conduziu pela mão, aquilo que vistes ser: verdadeiros evangelizadores. A verdadeira evangelização, segundo a estimulante perspectiva da "Evangelii Nuntiandi", é fundamentalmente o anúncio explícito de Jesus Cristo redentor do homem e da sua boa-nova de salvação. E por conseguinte comunicação alegre e esperançosa da revelação sobre a paternidade de Deus, seu desígnio de amor, seu reino que se inicia neste mundo e tende a sua plenitude na eternidade. E também a proclamação de que em Jesus Cristo nasce um homem novo, renovado na justiça e na santidade e com homens novos deve surgir uma sociedade nova regida pelas normas das bem-aventuranças e inspirada pela caridade que gera fraternidade e solidariedade. Toda evangelização visa, portanto suscitar, aprofundar e consolidar a fé e, a luz da fé, tornar possível uma sociedade mais justa e fraterna.

"No que concerne à fé, vós encontráreis neste País um povo nutrido de batizados, povo profundamente religioso, que recorre a vós como a ministros de Jesus Cristo. Por uma série de circunstâncias históricas, entre as quais avulta a constante insuficiência de sacerdotes e demais ministros sagrados, a edificante piedade popular da maioria dessa gente não corresponde uma adequada formação seja no nível do conhecimento da palavra de Deus e das verdades fundamentais, seja ao nível da prática sacramental, seja ainda ao nível da inserção da religião na vida e nos diversos aspectos desta.

"Vós encontráreis, por outro lado, não poucas situações de pobreza, de ignorância, de doenças, de marginalização que clamam por uma atenção desinteressada e eficaz de todos os que podem ajudar a promoção humana integral de amplas massas populares.

5. Vossa atividade missionária vos impele a revelar a todos, pequenos ou grandes, o "mistério escondido desde séculos" (Col. 1, 26), a mostrar-lhes o rosto de Deus, a nutri-los com os sacramentos, a ensinar-lhes o caminho da oração, o espírito das bem-aventuranças. Mas essa atividade de se complementa com muito que deveis fazer também para ajudar aos necessitados a promover-se passando de situações de miséria e abandono indignas de filhos de Deus a condições mais humanas de vida. Assim fizeram legítimos missionários antes de vós aqui mesmo na América Latina, aqui mesmo no Brasil.

"O que importa — digo-o aqui em homenagem à consciência que certamente já tendes disso — é que o preço de vossa ação em favor da promoção material das pessoas não seja nem de longe a diminuição de vossa atividade espiritualmente religiosa. Seria um perigoso contra-testemunho tanto mais grave se deixássemos a impressão de fazê-lo sob o impulso de qualquer imperativo ideológico.

A experiência mostra, aliás, que o testemunho, os prurientes e a ação da Igreja em qualquer um dos seus níveis, só tem credibilidade e verdadeira eficácia no campo social se baseados em testemunho, prurientes e ação ainda mais intensos no seu campo principal que é o da educação da fé e o da vida sacramental. Se ela faz isso de verdade, é a melhor forma de preparar cristãos que façam aquilo numa linha de profunda inspiração cristã e sem riscos de desvios.

"6. Outra palavra vos quero dizer, breve mais carregada de sentimentos: uma mensagem de um sacerdote a seus irmãos sacerdotes. É o convite que quero deixar-vos em lembrança de minha visita, a serdes missionários em tal profundidade que isso não seja para vós apenas um título, embora belo e glorioso, mas o conteúdo mais profundo de vossa vida sacerdotal. Em outras palavras: que o ser missionário seja a razão de vossa vida, a inspiração profunda de vossa ação, o segredo de vossa espiritualidade.

"Vosso modelo, nesta espiritualidade missionária, quem poderia ser senão o próprio Cristo, missionário do Pai, constantemente mergulhado na adoração deste Pai celeste e constantemente entregue até a entrega final sobre a cruz, à obra de salvação dos homens em total obediência. A vontade do mesmo Pai. Vossa atitude interior mais radical, a de bons pastores cheios de compaixão para com todos os que Deus confia ao vosso zelo, capazes de conhecê-los como o pastor conhece as ovelhas, prontos a nutri-los com a palavra e os sacramentos, a defendê-los, a gastar por eles vosso tempo, talentos, energias e a própria vida. Vossa preocupação, sempre nesta espiritualidade missionária: a de evangelizar mais ainda pelo testemunho de vossa vida do que por vossas palavras. "Forma factus gregis", escrevia Pedro aos primeiros missionários nos albos da Igreja (1 Pd, 5, 3): "Sede modelos do rebanho", vós dizeis o humilde sucessor de Pedro neste encontro convívio. Vosso estímulo permanente: uma imensa caridade, esta caridade reflexo em nós do amor de Cristo, da qual diz São Paulo que ela nos impele. Literalmente: que ela nos punge como agulha e nos faz caminhar. Aqui, às margens do rio-mar, como não dizer-vos: "Aquele multas nos potuerunt extinguere caritatem" (Cant. 8, 7)? Os caudais do Amazonas não são capazes de apagar o grande amor de Deus e aos vossos irmãos que aqui vos trouxe, antes são modelos da imensidão e do vigor que deve ter esse amor.

"7. Uma palavra ainda: uma palavra de homenagem aos milhares de missionários que desde os anos da descoberta até hoje labutaram em toda a extensão do Brasil, e particularmente na região amazônica, "praedicaverunt verbum veritatis e genuerunt ecclesias" (preparam a palavra da verdade e geraram igrejas) — Santo Agostinho, Enarrat. in Ps. 44, 28; C.C.L. XXXVIII, P. 510. Quantos vieram de suas pátrias na Europa para nunca mais voltar, quantos esgotaram rapidamente suas jovens energias, consumidos pela fadiga ou pelas doenças, quantos encontraram a morte tragada pelas águas ou dormem o último sono em qualquer túmulo sem nome em um pedaço da imensa floresta? Eu me ajoelho diante de cada uma dessas sepulturas e mais ainda diante de cada uma dessas figuras de missionários, homens como nós, com defeitos e fraquezas, engrandecidos porém pelo testemunho do dom pleno de si mesmos às missões.

"São vossos precursores: não cedais nunca à fácil tentação de pensar que a missão começa convosco. Mas apoiá-vos sobre o muito que vos deixaram estes vossos irmãos. Sejam também, muitos deles que hoje contemplam a face de Deus, vossos intercessores.

"Entre eles, alguns receberam a glória dos altares como os mártires do Rio Grande e, há dias, o beato José de Anchieta, a quem vai nossa veneração. Outros escondidos aos olhos dos homens encontraram, na luz do Cristo ressuscitado, o prêmio de seus sacrifícios. Alcancem eles de Deus, para vós, a coragem nas horas sombrias, a alegria de servir com amorosa generosidade e, sobretudo, a fidelidade que vos faça olhar para trás, mas olhar sempre atraídos pelo Senhor que um dia há de dizer-vos no entardecer: "Vem, servo bom e fiel, entra na alegria do teu senhor" (Mt. 25, 21). Será esta a palavra definitiva, prêmio de vossos trabalhos, síntese de vossa vida".

O mal-estar por causa do calor

MANAUS (FT) — Problemas físicos ocasionados pelo forte calor de Manaus atingiram o papa João Paulo II durante seu pernoite na residência do administrador apostólico d. Milton Correia. O Papa se sentiu mal, suava constantemente e foi, inclusive, medicado a 1 hora da madrugada de ontem, por uma equipe composta de cinco médicos.

Na verdade, desde o momento em que pisou o solo amazonense, às 18h30 de quinta-feira, João Paulo II não estava se sentindo bem.

Seu olhar, sua expressão e a postura física não eram as mesmas das visitas a outras capitais. Esta impressão foi logo confirmada pelo monsenhor Paul Marcinkus, assessor pessoal de João Paulo II, após cumprimentar as autoridades no aeroporto. Monseñor Marcinkus sugeriu, na ocasião, que o encontro com os índios, previsto para às 20h30, fosse cancelado, mas João Paulo II manifestou-se contrário a esta ideia.

De madrugada, ele voltou a passar mal em consequên-

cia do calor e de forte indisposição intestinal. Ontem pela manhã, pensou-se em cancelar a sua participação na procissão fluvial, mas ele novamente disse que não poderia frustrar milhares de pessoas que decerariam o rio de barco. Ontem, estava tudo preparado para que Sua Santidade experimentasse a comitiva típica de Manaus. Ele iria comer um tambaqui na brasa e uma caldeirada de tucumã. Os médicos aconselharam que ele não comesse por ser muito pesado, e se alimentasse à base de frutas.